

## **Gn 1:1-2:4a: Uma Ruptura entre Teologia e Ciência ou uma Catequese Narrativa com Força de Lei para um Povo em Risco de Extinção?**

(Genesis 1:1-2:4a: A Break between Theology and Science or a Narrative Catechesis with Force of Law for a People at Risk of Extinction?)

**Prof<sup>a</sup>. Flávia Luiza Gomes Costa\***

Especialista em Teologia Bíblia

Mestre em Ciências da Religião

flavia@clrgomes.com.br

### **Resumo**

O artigo propõe uma leitura do texto da criação em Gn 1:1-2:4a apresentando o contexto de sua elaboração a fim de evidenciar o objetivo do mesmo em meio à comunidade israelita desterrada. Nessa perspectiva esse texto não parece se configurar com a preocupação de relatar cientificamente as origens do mundo e do homem. Aponta, no entanto, para um artifício teológico da classe sacerdotal exilada a fim de inculcar nos israelitas práticas de leis que garantissem a existência do javismo. Por tanto, não parece plausível intuir um distanciamento entre Ciência e Religião por meio desse relato, mas antes uma catequese para preservação da fidelidade a Javé.

**Palavras-chave:** Teologia; Ciência, Criação, Catequese, Javé.

### **Abstract**

The article proposes a reading of the text of creation in Genesis 1:1-2:4 to presenting the context of its preparation in order to highlight the goal of even amid the exiled Jewish community. From this perspective this text does not seem to configure with the concern to report scientifically the origins of the world and man. Points out, however, for a theological artifice of the priestly class exiled to inculcate in the Israeli practices laws that guarantee the existence of Yahwism. Therefore, it seems plausible to intuit a gap between science and religion through this story, but rather a catechism for maintenance of fidelity to Yahweh.

**Keywords:** Theology, Science, Creation, Catechism, Yahweh.

## **Introdução**

A análise de Gn 1:1-2:4a evidencia, em primeira mão, a possibilidade de o relato da criação poder ou não promover divergências e distanciamento entre a Teologia e a Ciência. Tal possibilidade de ruptura, barreira ou preconceito entre essas áreas do saber se dá a partir de uma leitura literal, fundamentalista, que entende o texto como um relato histórico da origem do mundo e da humanidade. O conflito advindo dessa leitura tem feito a religião perder credibilidade diante do desenvolvimento da Ciência, onde muitos têm afirmado a existência de erros na Bíblia. No entanto, o erro é de leitura e não de conteúdo. O avanço das ciências, principalmente da arqueologia, da antropologia histórica e das ciências cósmicas confunde os cristãos acostumados a uma leitura literal da Bíblia. Por isso, muitos se sentem na obrigação de optar entre a Ciência e a Fé. Uma decisão desnecessária imposta pela má interpretação dos textos sagrados.

Para uma leitura frutuosa é relevante considerar que o texto em questão não pretende ser um relato científico das origens do mundo e do homem. Isso porque Gn 1:1-2:4a é uma narrativa proveniente da tradição sacerdotal na época do exílio. Os sacerdotes escreveram tradições narrativas recolhidas, tomando-as como pretexto para propor e inculcar leis. No afã de que os exilados mantivessem sua identidade tomam medidas precisas através da conformação da narrativa da criação onde o principal de tudo é o sétimo dia, o sábado, quando termina toda a criação. Dessa forma, a observância do sábado, como lei divina, se torna um dos aspectos que distinguiria os judeus dos outros povos. Para tanto, Gn 1:1-2:4a oferecia a fundamentação teológica dessa prática. Amplia-se também a concepção de Deus que passa a ser visto como o Senhor supremo do universo, acima dos deuses das outras nações ou daquilo que elas consideravam como deuses. A tradição sacerdotal des-deifica o mundo desmistificando a natureza.

Sendo assim, a leitura da perícopes em questão deve percorrer o caminho da verificação do contexto histórico em que teve sua origem, bem como os meandros do relato a fim de chegar à apreensão da mensagem, catequese, instrução contidas na narrativa.

Nesse percurso chega-se ao querigma do texto, que compreende uma intenção não abarcando o fornecimento de informações históricas como apreende leituras que desconsideram o chão da vida que traz e conforma o relato.

### **1. Contexto histórico em que emerge o relato da criação**

Gênesis 1:1-2:4 pode ser localizado com muita precisão no tempo e no espaço. Essa possibilidade se sustenta em dois argumentos. Por um lado o sábado desempenha papel de destaque nessa narrativa, o que remonta ao tempo do exílio, pois é nesse contexto que o descanso sabático foi sobremodo valorizado. Em meio ao exílio babilônico, o sábado veio a tornar-se um sinal diferenciador, pois identificava os deportados.

A conclusão de localizar a narrativa entre os deportados na Babilônia ainda se sustem por mais uma observação. *Em Gênesis 1, a polêmica contra os deuses da luz, do sol e da lua, salta aos olhos. E isso nos remete diretamente para a Babilônia, onde justamente sob os últimos soberanos recrudescia a polêmica em torno das divindades da luz* (SCHWANTES, 2002, p. 27). Para uns o sol significa mais, mas outros preferiam a lua e as estrelas. Nesse ambiente é que surge o texto da criação em análise.

O contexto exílico se torna realidade no ano de 587 a.C. com a ocupação de Jerusalém pelos babilônicos (2Rs 25:2-21). Para o povo de Israel é o início do exílio (587-538 a.C.). Nesse período, a falta do Templo, do rei e da terra fez emergir a necessidade de novas reflexões sobre a fé israelita. É o que fez a classe sacerdotal sentindo a forte influência do ambiente mesopotâmico.

O relato da origem do universo contido em Gn 1:1-2:4a, nasce, assim, durante o exílio na Babilônia e *procura dar uma classificação lógica e exhaustiva dos seres criados* (MALLMANN, 1998, p. 23). No contexto do exílio, os judeus corriam o risco de perder a própria identidade, cultura e religião e assimilar o ambiente estrangeiro com os seus deuses e crenças.

Esse texto da criação surge desse modo, no meio de gente deportada e desenraizada que vive sob o controle do exército, assentados em meio a regiões despovoadas (Ez 3:15), *às margens dos rios* (Sl 137:1). Gente designada como escravos (Is 42:1).

Mas, é importante ressaltar que esses exilados provinham, em sua ampla maioria, da elite de Jerusalém. Compunham a liderança do Estado de Judá. Daí é que provém a linguagem solene e imponente do capítulo 1 de Gênesis. Assim, todo esse saber e imponência litúrgica passam a serviço da denúncia dos babilônicos. É dessa maneira que esse texto *provém de ex-sacerdotes que, em meio às dores da escravização, foram feitos profetas. Ezequiel é um deles (Ex 1:3)* (SCHWANTES, 2002, p. 28).

Esses sacerdotes exilados perderam sua função peculiar, pois não existia mais o Templo onde pudessem oferecer sacrifícios, presidir liturgias. Começam, então, a se dedicar a outra atividade desenvolvendo um papel de teólogos com o desafio de compreensão da fé em meio à crise do exílio a fim de manter a esperança e a religião vivas nos corações dos deportados. Assim, fizeram de várias maneiras dando origem ao que se chama Tradição Sacerdotal.

O texto da criação em Gn 1:1-2:4a é, portanto, fruto desse trabalho sacerdotal em meio ao exílio. É possível perscrutar os desígnios e afã desse grupo, o projeto desses deportados com tal escrito. Para tanto, se faz necessário a análise do texto para chegar à catequese pretendida em meio aos deportados.

## **2. O texto da criação: suas ênfases e afirmações**

Esse texto não foi pensado para ser debatido em academias de ciências para ver quem tem razão: a ciência ou a Bíblia. A Bíblia fala sempre a linguagem do seu tempo e do seu ambiente oriental. Ela apresenta o mundo de acordo com a mentalidade do seu tempo e lugar. O que o autor deseja apresentar é a ação de Deus no mundo e principalmente no homem.

A tradição sacerdotal apresenta Deus que cria apenas com sua palavra. Tudo parece orientado a explicar o sentido do que acontece no fim, no sétimo dia: o sábado, abençoado e consagrado a Deus, de quem o homem deverá lembrar-se sempre.

No entanto, pode-se dizer que a obra dos seis dias é obra-prima de poesia e de ciência. Poesia por causa do estilo aprimorado, da simetria das sentenças e da estrutura artificiosa. Ciência, em virtude do conteúdo que se apresenta como fruto da mais rigorosa observação dos fenômenos da Natureza, dentro das possibilidades da época (DATTLER, 1984, p. 23). A cosmologia prefigurada pelo autor é a que ele partilhava com o resto do mundo do antigo Oriente Próximo.

Assim, o Gênesis começa com um relato da criação pelo autor sacerdotal, altamente estruturado e semelhante a um hino. *A divisão da obra divina da criação pelos dias da semana, antes tantas vezes entendida literalmente, corresponde a um antiqüíssimo gênero poético dos orientais* (SHREINER, 2004, p. 122).

Dessa maneira a origem do universo é estruturada no esquema da semana onde a criação procede em clima ascendente. No primeiro dia fez a luz (1:1-5); no segundo dia fez o céu (1:6-8); no terceiro dia fez o mar, a terra e as plantas (1:11-13); no quarto dia fez os astros (1:14-19); no quinto dia criou os peixes e os pássaros; no sexto dia criou os animais terrestres e o homem. No sétimo dia *Deus terminou todo o seu trabalho e Ele descansou de todo o seu trabalho* (2:2).

A narrativa destaca alguns aspectos como a existência de um Deus vivo e criador. Outro destaque está no fato de que o ponto mais alta da criação são o homem e a mulher, criados à imagem e semelhança de Deus (1:27) onde a humanidade é chamada a dominar e a transformar o universo. Assim, o ritmo da vida é trabalho e descanso (2:1-2). É importante o destaque de que toda a criação é marcada pelo selo de Deus: *era bom [...] muito bom* (1:31).

O autor constata, antes de tudo, o dogma de que Deus criou o mundo. Em qualquer outra cosmogonia não há palavra que se possa igualar a esta.

Desde o início insiste-se no céu e na terra como criaturas de Deus em oposição às entidades absolutas encontradas nas mitologias clássicas, nas quais, todo o universo, incluídos os deuses, nascem da Terra fecundada pelo Céu.

No antigo Israel, dar nome exprimia o poder sobre o que recebia o nome. Deus dá nome ao dia e a noite porque tem autoridade sobre eles. O parágrafo conclui com a estrutura temporal, em que a tarde é mencionada primeiro, depois a manhã, o que reflete a maneira de Israel marcar o tempo, pois para eles o dia começava ao pôr do sol.

O autor mostra, mais uma vez, um mundo que não está sob o controle de divindades pagãs quando afirma que a fecundidade não é algo que depende dos deuses da fertilidade. Deus pôs o poder de reprodução na própria vegetação (v. 11). Na mesma linha de raciocínio o autor evita usar as palavras *sol* e *lua*, empregando em vez delas as expressões *o grande luminar* e *o pequeno* (v. 16). No mundo pagão antigo, o sol e a lua eram considerados divindades. Ele está dizendo que o sol e a lua não passam de apenas elementos do universo criado, não deuses que devam ser cultuados.

O relato todo prepara o caminho para a criação da humanidade. Quando tudo está pronto, são criados o homem e a mulher. O autor sacerdotal descreve a criação da humanidade com mais detalhes do que os atos criadores anteriores, e já que este ato é o último na série, o autor está indicando que a humanidade é o ponto alto de toda a criação. O caráter especial dessa criação é salientado pelo fato de só a humanidade ser descrita como criada à *imagem* e segundo a *semelhança* de Deus (v. 26). Ser criado à imagem de Deus é ser representante de Deus na terra, o que é salientado pela sentença seguinte do v. 26, onde é concedido à humanidade o domínio sobre a terra.

Após toda a obra criadora de Deus que culmina na humanidade, chega-se ao ponto máximo do relato com o descanso do próprio Deus no sétimo dia. É notório que toda a narrativa tem a faceta de criar um modelo divino de participação do sábado. Deus o instaura em sua própria manifestação como criador.

*É a contra-parte, o espelho significativo, do trabalho dos seis dias. O sábado de Deus é o sábado paradigmático, fonte de inspiração e sentido de todo o descanso do trabalho (CROATTO, 1996, p. 21).*

O que se tem, portanto, é um artifício literário que enquadra toda a criação do universo em seis dias de trabalho e num de repouso, e isto para inculcar aos israelitas a observância do sábado. A tradição de listar as obras era difundida (confira, por exemplo, o salmo 136), mas é Gênesis 1 que introduz o elemento dos sete dias. Ao fazê-lo, persegue uma intenção.

### **3. Catequese contida no relato da criação**

Ocorre, muitas vezes, que a ênfase na leitura de Gênesis 1:1-2: 4a é colocada sobre os seis primeiros dias da criação. O sétimo dia, quando Deus terminou todo o seu trabalho e descansou, dia que foi abençoado e santificado, é menos lembrado. Essa ênfase no processo de criação e menosprezo pelo sábado é reforçada por uma leitura que tende a ser viabilizada e concebida por meio da crença na historicidade do relato incorrendo num impasse entre teologia e ciência.

No entanto, a mensagem da narrativa diante de uma leitura que perpassa o caminho percorrido pelo entendimento da busca de uma mensagem catequética que ultrapassa informações históricas sobre o início do mundo, propõe uma valorização do sétimo dia da criação, o sábado. Isso porque diante do contexto histórico dos israelitas se apreende a mensagem aos exilados e posteriormente aos reconstrutores de uma nova esperança.

O sábado é o centro e o fim para o qual toda a criação é orientada. Ele é dia de paz, mas a paz que vem da palavra *shalôm*, e que tem um sentido cósmico, de harmonia de toda a criação. A paz se opõe às idéias contrárias de guerra, luta, conflito (Is 27: 4s; Jr 9:7) ou injustiça (Is 59: 7s), medo (Ez 7:25), temor (Jr 30:5) e tribulação (Zc 8:10). O sentido da palavra paz está interligado com vocábulos afins como justiça, verdade e vida (MALLMANN, 1998).

A palavra *sábado* está ligada ao verbo hebraico *shabat* que significa repousar, cessar de trabalhar. O sábado para os israelitas tem um sentido fundamentalmente religioso, pois está intimamente ligado à Aliança que este povo tem com Deus. Há um sentido claro da necessidade de a cada seis dias de trabalho dedicar um para o repouso, para a festa, para a adoração e contemplação das obras que Deus realiza em favor de Israel. O sábado não é apenas a reposição das forças para poder trabalhar mais.

A intenção, da narrativa, é legitimar um pensamento ou práxis a partir da conexão com um texto de prestígio. O autor deseja mostrar a origem divina do descanso sabático. Em vista deste descaso é que ele distribuiu genialmente a ação criadora em seis dias. Não há como negar que *a divisão em seis dias é pedagógica, didática, mnemotécnica e, sobretudo, tendenciosa e apologética em torno do dia do descanso* (DATTLER, 1984, p. 37).

Em seis dias houve oito atos de criação distintos. O autor consegue manter a estrutura de seis dias, apesar de haver oito atos de criação. Isto é feito para realçar o significado do sábado. O descanso do sábado ordenado nos mandamentos do livro do Êxodo (Ex 20:8) aqui está ligado aos primórdios do mundo, está atado à ordem criadora.

O redator do Decálogo (Ex 20) justifica o preceito do descanso sabático com clara referencia ao Gênesis: *Por que em seis dias Javé fez o céu e a terra, mar e tudo quanto contém, e descansou no sétimo dia; por isso Javé abençoou o dia do Shabat e santificou-o.*

São muito claras as intenções do autor do relato da criação em análise. A iniciativa direta na criação de tudo quanto existe ao nosso redor pertence a Deus. As aprovações, sete vezes repetidas, – *bem feito!* – refletem o ponto de vista do autor que as colocou na boca de Deus. Mas, o autor não pretendeu escrever uma teologia pura e especulativa. Pelo contrário, na descrição progressiva da obra criadora, ele fez questão de ser científico empregando todo o saber da época. Além de ser um cientista autêntico em sua época, o autor bíblico é ainda um defensor do monoteísmo judaico. Ele procede a uma rigorosa desmitização de todas as personificações poéticas, como o céu, terra, abismo, sol, lua, astros, que sem exceção, tornam-se criaturas do Deus único e verdadeiro.

Assim, a tradição sacerdotal faz a releitura dos acontecimentos passados e medita sobre eles, à luz do presente, o exílio, para dar conforto e esperança aos israelitas deportados e lhes assegurar que voltarão à pátria, depois de renovado empenho em observar a aliança (CIMOSA, 1987).

O autor vislumbrou mais do que uma diversão poética, *ele estava emprenhado em inculcar e exaltar o sábado, o dia da consagração a Deus* (SHREINER, 2004, p. 123). A intenção da narração é afirmar algo muito mais profundo que se coloca no nível teológico.

Dessa maneira, muitos sacerdotes se tornaram teólogos e assumiram a tarefa de manter a esperança de retorno do coração dos deportados. Esses teólogos tiveram o cuidado de pensar a religião prescindida do Templo e da terra de Israel. Para tanto, resgataram algumas práticas para que a religião israelita pudesse ser praticada em qualquer tempo e lugar, mesmo na Babilônia. Recuperaram práticas religiosas que garantissem a preservação da identidade do povo evitando a dispersão.

Nesse sentido é que o sábado tomou um novo aspecto. Antes era uma festa mensal por ocasião da lua nova. Mas agora, a partir do exílio, deveria ser guardado em cada sétimo dia (Lv 23:3). Deveria se suspender todo trabalho de acordo com a etimologia da raiz hebraica *shabat*, cujo significado é cessar. Nesse intuito o relato de Gênesis 1:1-2:4a oferecia a fundamentação teológica dessa prática. O israelita deixa de trabalhar a exemplo de Javé.

Essa prática religiosa trazia enorme distinção e caracterização, pois não havia essa tradição na Babilônia, o que constituía uma atitude carregada de simbolismo e de protesto. Tal atitude facilitava a distinção dos israelitas entre todos.

A mensagem, a catequese, é clara. Alcançar os desterrados a fim de que não se perdesse a essência da fé javista em meio a um ambiente pagão. Javé é o Deus criador inculcando nos israelitas a certeza de que a natureza, sol, lua tudo o mais eram criaturas do Deus de Israel. Portanto, não poderiam ser adorados como deuses. A manutenção da distinção da raça se daria também na mensagem clara da continuidade de práticas religiosas possíveis mesmo longe da terra, sem Templo e sem rei, onde o descanso sabático viabilizaria tal preservação da identidade.

## **Conclusão**

É necessário ainda considerar, numa leitura que não fragmenta o texto, que o Pentateuco teve sua redação final por volta de 400 a.C. De volta a sua terra os israelitas poderiam apenas restabelecer as estruturas sócio-religiosas. Coube ao jurisconsulto Esdras o trabalho de codificar a lei de Israel. Esdras utilizou as tradições narrativas inseridas num contexto jurídico assumindo também um caráter legal. O Pentateuco visava recolocar as bases da identidade do povo que corria o risco de desaparecer ou ser assimilado pela potencia hegemônica. De tal forma que havia claramente uma Torá nas narrativas do Pentateuco a fim de indicar as condições de pertença ao povo de Israel em qualquer lugar e circunstância.

O mesmo propósito da narrativa da tradição sacerdotal em Gn 1:1-2:4a se estende ao intuito catequético do Pentateuco. Inculcar leis que praticadas viabilizariam a continuidade da existência do povo de Javé bem como a manutenção dos princípios erigidos por essa fé.

Durante o exílio e também posteriormente com a consideração da formação de toda a Torá, o Pentateuco, do qual o texto da criação faz parte, torna-se visível a finalidade catequética dos primeiros versículos da Bíblia. São narrativas permeadas por leis que viabilizariam a manutenção e continuidade da existência dos israelitas como povo de Javé.

É nítido que não se justifica, desse modo, usar o texto da criação em análise como barreira entre Teologia e Ciência. O desafio maior é a busca do querigma do texto para os que foram o primeiro alvo de tal catequese narrativa, viabilizando também seu querigma para todos quantos dele se aproximar em qualquer época e lugar.

## **Bibliografia**

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

A BÍBLIA DO PEREGRINO. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2006.

CIMOSA, Mario. *Gênesis 1-11: a humanidade na sua origem*. São Paulo: Paulinas, 1987.

CROATTO, José Severino. *O mito como interpretação da realidade - considerações sobre a função da linguagem de estrutura mítica no Pentateuco*. Ribla: Petrópolis, n. 23, pp. 16-22, jan., 1996.

DATTLER, Frederico. *Gênesis: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MALLMANN, Loivo José. *A criação, obra gratuita de Deus em vista do sábado*. Estudos Bíblicos, Petrópolis, n. 60, pp. 22-30, 1998.

SCHWANTES, Milton. *Projetos de esperança: meditações sobre Genesis 1-11*. São Paulo: Paulinas, 2002.

SHREINER, Josef. *Palavra e mensagem do Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004.

## Notas

\* Especialista em Teologia Bíblia e Mestre em Ciências da Religião. Professora da Faculdade Unida de Vitória no curso de Especialização em Ciências da Religião em Belo Horizonte. E-mail: [flavia@clrgomes.com.br](mailto:flavia@clrgomes.com.br)